

O texto a seguir foi apresentado no espaço expositivo do *Knots Art Festival at Colégio Sant'Ana*, realizado nos dias 1 e 2 de novembro de 2025.

Boas-vindas ao Festival

Knots for the Arts (KIM Insook, NISHIDA Shoko, SUGITA Momo)

Quatro contextos que percorrem o Projeto de Arte da Colégio Sant'Ana

YAMADA So (curador do Museu de Arte da Prefeitura de Shiga)

- 1 Sobre o Colégio Sant'Ana
- 2 Japão e BrasilHistória e atualidade da imigração
- 3 Kim Insook e o Colégio Sant'Ana
- 4 Quatro anos de encontros com o Colégio Sant'Ana— e o que vem a seguir

Do Outro Lado da Porta

Chiani Yamada,

Comunicadora bilíngue (japonês-português),

Boas-vindas ao Festival

Muito obrigado por estarem conosco no “Knots Art Festival no Colégio Sant’Ana – Ver, desenhar, tocar, comer e às vezes dançar! Um festival de arte que conecta a todos.”

Este festival é participativo — um espaço para compartilharmos experiências e criarmos algo juntos por meio dos diversos programas.

O coletivo Knots for the Arts é formado pela artista Kim InSook, a curadora Shoko Nishida e a galerista Momo Sugita, com o objetivo de promover atividades artísticas que conectam pessoas e sociedade.

Atuamos desde 2022 em diversos projetos de arte contemporânea.

O nome “Knots”, que em japonês significa “nós”, expressa o desejo de ligar pessoas através da arte. Desde sua criação, o coletivo tem realizado projetos variados, convidando artistas e profissionais de diferentes áreas.

Neste ano, formamos uma equipe de projeto em colaboração com o Colégio Sant’Ana, o curador convidado, a Ateliê Cafue, a comunicadora bilíngue (japonês-português) Tiany Yamada, artistas do Japão e da Coreia, o músico Adriano Miyake — pai de alunos do Colégio Sant’Ana e acordeonista —, além de muitos voluntários.

Durante meses, trabalhamos juntos, trocando ideias e realizando workshops com as crianças para preparar este festival.

A parceria com o Colégio Sant’Ana começou em 2022, e membros que participaram dos projetos anteriores também estão presentes hoje como parte da equipe.

Grças à colaboração de tantas pessoas, às instituições de apoio e aos patrocinadores, foi possível realizar este dia tão especial.

Em nome de todos do Knots for the Arts, expressamos nossa profunda gratidão a todos os visitantes e colaboradores que tornaram este festival possível.

Acreditamos que criar algo junto com o outro nos aproxima, transformando “estranhos” em “você e eu”, e abrindo caminhos para novas relações.

Desejamos que este dia seja repleto de encontros e descobertas significativas para todos vocês.

Com carinho,

Knots for the Arts (Kim InSook, Shoko Nishida, Momo Sugita)

Quatro contextos que percorrem o Projeto de Arte da Colégio Sant'Ana

YAMADA So (curador do Museu de Arte da Prefeitura de Shiga)

1. Sobre o Colégio Sant'Ana

O Colégio Sant'Ana é uma escola brasileira fundada em 1998 por Kenko Nakata (doravante “professora Kenko”) na cidade de Aishō, província de Shiga. O prédio, composto por uma combinação de construções pré-fabricadas e casas comuns, pode não parecer uma escola à primeira vista. Em torno dele, vivem famílias brasileiras, e nas ruas que servem de pátio ecoam palavras em português e bolas de vôlei que cruzam o ar. Muitos se surpreendem ao ver um cenário tão diferente logo após virar a esquina.

A professora Kenko trabalhou como professora por 17 anos no Brasil e visitou o Japão pela primeira vez em 1992. Durante suas férias prolongadas, trabalhou como caddie em um campo de golfe, e nessa época teve a oportunidade de visitar uma empresa na província de Shiga onde cerca de 200 trabalhadores brasileiros estavam empregados.

Ali, ficou profundamente chocada com a situação das crianças desses trabalhadores: enquanto os pais trabalhavam, elas passavam os dias em casa, assistindo televisão, sem acesso à escola. Após retornar ao Brasil, a professora Kenko decidiu voltar ao Japão, trabalhou por cinco anos para economizar dinheiro e, finalmente, em maio de 1998, conseguiu inaugurar o Colégio Sant'Ana. O que a motivou tanto assim? Por trás de sua convicção e de sua força de ação, sente-se um poderoso senso de missão.

Desde então, a escola tem acolhido crianças com raízes brasileiras que vivem no Japão, oferecendo ensino em língua portuguesa. Atualmente, cerca de 50 alunos, desde a educação infantil até o ensino médio, frequentam o colégio. A maioria das crianças não fala japonês. Além das aulas, a escola oferece apoio em questões relacionadas a vistos e problemas do dia a dia, funcionando também como uma importante comunidade de apoio.

Entretanto, a manutenção da escola não é fácil. Como o Colégio Sant'Ana não atende plenamente aos requisitos para ser reconhecido como escola oficial no Japão, é classificado como uma “escola privada” (juku) e, portanto, não recebe apoio financeiro suficiente do governo. Sustentado pelas mensalidades dos pais e por doações de apoiadores, o colégio enfrenta desafios como a deterioração das instalações e a dificuldade de garantir professores.

Apesar dessas dificuldades, graças aos esforços da professora Kenko e de muitas pessoas envolvidas, a escola tem sido mantida por mais de 20 anos. Até hoje, continua oferecendo às crianças que vivem entre o Japão e o Brasil um ambiente de aprendizado, convivência e amizade— um espaço onde podem crescer e viver com segurança e dignidade.

2. Japão e Brasil — História e atualidade da imigração

Em 1908, o navio *Kasato Maru* chegou a São Paulo trazendo 781 japoneses que haviam decidido atravessar o oceano em busca de um novo futuro. O contexto refletia os interesses de ambos os países: o Brasil buscava suprir a escassez de mão de obra na agricultura de grande escala, enquanto o Japão procurava ajustar o crescimento de sua população.

Nos 100 anos seguintes, cerca de 260 mil japoneses emigraram para o Brasil. Hoje, o país abriga uma das maiores comunidades nikkeis do mundo.

Com o passar das décadas e após o rápido crescimento econômico e o auge da bolha financeira, foi o Japão quem passou a enfrentar a escassez de mão de obra. Em 1990, a revisão da *Lei de Controle de Imigração e Reconhecimento de Refugiados* concedeu aos descendentes de japoneses (até a terceira geração) e seus cônjuges o direito de trabalhar no Japão. Esse marco provocou o aumento da imigração de brasileiros — conhecidos como “newcomers” — completamente o fluxo migratório entre os dois países— invertendo.

A maioria dos brasileiros passou a viver em conjuntos habitacionais próximos a fábricas do setor automotivo, estabelecendo-se de forma cada vez mais permanente. A província de Shiga é uma dessas regiões. Por volta de 2007, o número de brasileiros no Japão atingiu cerca de 300 mil, sendo aproximadamente 14 mil na província de Shiga. Contudo, após a crise financeira global de 2008 (*Lehman Shock*) e a pandemia de COVID-19, esse número diminuiu: atualmente há cerca de

200 mil brasileiros no Japão e 9 mil em Shiga. O número de alunos do Colégio Sant’Ana reflete essa tendência, passando de mais de 100 em seu auge para cerca de 50 atualmente.

Mudando o foco para a educação, dados do Ministério da Educação do Japão mostram que, em 2024, havia cerca de 97 mil crianças estrangeiras em idade de ensino obrigatório, das quais aproximadamente 8.500 estavam fora da escola ou corriam risco de evasão — um número alarmante que representa quase 10% do total.

Desde 2007, os brasileiros formavam o maior grupo estrangeiro em Shiga, mas, em 2024, foram ultrapassados pelos vietnamitas. A maioria deles trabalha no Japão como estagiários técnicos, reflexo, mais uma vez, da grave escassez de mão de obra que o país enfrenta.

3. Kim Insook e o Colégio Sant’Ana

Por que Kim Insook, que até então não tinha nenhuma ligação com a província de Shiga, passou a se envolver com o Colégio Sant’Ana?

O ponto de partida foi a exposição coletiva “7,9 bilhões de estranhos” (2021), organizada pelo autor deste texto quando trabalhava no Museu de Arte Sem Fronteiras NO-MA, na cidade de Ōmihachiman. Impressionado com o trabalho de Insook, o autor a convidou, após o encerramento da mostra, para coordenar um programa de intercâmbio entre o Colégio Sant’Ana e um projeto realizado pela organização Social Welfare Corporation Grow, responsável pela gestão do NO-MA. Insook aceitou prontamente, e assim nasceu o projeto artístico.

A primeira visita de Insook ao colégio ocorreu em maio de 2022. Dois meses depois, realizou-se a primeira atividade de intercâmbio: uma sessão de fotografia no NO-MA, em que as crianças fotografavam a si mesmas no espaço expositivo — uma ideia inspirada nas redes sociais, como o TikTok, tão presentes no cotidiano delas. Em seguida, foi proposta uma “caminhada pela cidade” de Ōmihachiman, incluindo uma atividade de descoberta da arquitetura Vories, que combina elementos japoneses e americanos.

Nesse meio tempo, Insook foi selecionada para o projeto de comissionamento do Festival de Imagem de Ebisu, realizado pelo Museu Metropolitano de Fotografia de Tóquio. O programa escolhia quatro cineastas japoneses para produzirem obras competitivas. Insook passou a visitar ainda mais frequentemente o Colégio Sant’Ana, filmando retratos em vídeo de cada criança e criando a instalação Eye to Eye, que recebeu o Prêmio Especial. Durante a exposição em Tóquio, professores e organizadores, incluindo o autor, levaram as crianças de Shiga à capital num ônibus noturno — uma experiência inesquecível.

Em 2023, um novo projeto liderado pela Grow promoveu visitas a diversos locais de Shiga, nas quais os participantes entrevistaram moradores da região. (Nessa época, o autor já havia se transferido para sua atual instituição.) Esse projeto resultou no livro de arte “Do Outro Lado da Porta” (Tobira no Mukō).

Em 2024, a obra Eye to Eye foi exibida no Museu de Arte Contemporânea de Tóquio, recebendo grande atenção, e Insook foi agraciada com o 48º Prêmio de Fotografia Kimura Ihei e o Prêmio de Novos Artistas do Ministério da Cultura do Japão (2024 / 75ª edição). Assim, o trabalho de Insook em torno do Colégio Sant’Ana passou a ser amplamente reconhecido e elogiado.

4. Quatro anos de encontros com o Colégio Sant’Ana — e o que vem a seguir

Já se passaram quatro anos desde o início da relação entre Kim Insook e o Colégio Sant’Ana. Nesse período, o corpo discente mudou bastante com as formaturas e retornos de famílias ao Brasil, e o número total de alunos diminuiu — o que transformou a fisionomia da escola. Ainda assim, Insook continuou visitando o colégio muitas vezes e mantendo contato com as crianças.

Em uma ocasião, ela chegou a viajar até o Brasil para reencontrar ex-alunos.

Os colaboradores também se multiplicaram: os membros da Knots for the Arts, que organizam este festival; a designer Mari Nakai; o escritório de arquitetura Atelier Cafue, responsável pelos móveis e estruturas; apoiadores locais voluntários; e, é claro, os professores e famílias do Colégio Sant’Ana, que são os maiores parceiros deste trabalho.

Apesar da ausência de subsídios ou financiamentos consistentes após o terceiro ano, todos esses participantes se engajaram com profissionalismo, dedicação e espírito colaborativo, indo muitas vezes além de suas funções originais — e foi assim que este festival se tornou possível. Nos primeiros três anos, o foco do projeto era apresentar às crianças do colégio o mundo ao redor — a região de Shiga — e conectá-las à comunidade local.

No entanto, neste festival, vale notar que essa relação se inverte: agora é o mundo ao redor (você) que vem visitar as crianças.

Caminhamos para um tempo em que a distância entre “aqui” e “o entorno” poderá ser facilmente ultrapassada. Este festival dança, canta e convida todos os que se reúnem neste lugar a se olharem “olho no olho” (Eye to Eye), em um gesto de encontro e reciprocidade.

Do outro lado da porta

Tiany Yamada Comunicadora bilíngue (japonês-português)

Nasci no Brasil e, aos três anos, mudei-me para o Japão com meus pais, que vieram trabalhar em uma fábrica. Poucos anos depois, voltei ao Brasil e, mais tarde, retornei ao Japão. Minha infância foi marcada por idas e vindas entre dois países, duas línguas e dois mundos. Hoje, como adulta, percebo que essa trajetória, embora desafiadora, me formou profundamente. Na escola, o idioma era uma muralha. As palavras que para os outros vinham com naturalidade demoravam a chegar até mim. Ficar para trás nas aulas me trazia uma frustração dolorosa: “Por que só eu não entendo?”. Além da língua, havia as diferenças culturais, as formas de se relacionar, de pensar, de ser. No Brasil, eu era vista como japonesa; no Japão, como brasileira. Em qualquer lugar, era sempre “a estrangeira”. E quando finalmente me adaptava, era hora de partir de novo. Essa repetição me fez desejar apenas uma coisa: não ser diferente dos outros. Mas foi justamente essa vida entre dois mundos que me deu a capacidade de enxergar com mais empatia e flexibilidade. Aprendi que a diferença pode ser um fardo no início, mas também pode se tornar uma força. O domínio de duas línguas, antes motivo de confusão, tornou-se a base da minha profissão e o símbolo do meu orgulho. As dificuldades da minha infância me ensinaram a me conhecer e a me aceitar.

O mais valioso foram as pessoas que encontrei. Conheci crianças com histórias parecidas e adultos que me olharam com compreensão. Foi com eles que percebi: eu não estava sozinha. Essa sensação de acolhida ficou comigo e hoje é o que me move a apoiar as crianças que vivem experiências semelhantes. Quero ser a pessoa que estende a mão e diz: “Eu entendo você”. No meu trabalho com crianças, descobri que a diferença não precisa ser uma parede— pode ser uma porta. Quando temos coragem de abri-la, o mundo se amplia e se torna mais gentil. Por isso, quero deixar uma mensagem às crianças de raízes estrangeiras que vivem no Japão: eu conheço a sua dor. Às vezes, o ambiente à sua volta parece o mundo inteiro, mas o mundo é muito maior— e há nele mais acolhimento do que você imagina.

Toda a beleza está em ser único. Assim como as flores nascem com cores e formas diferentes, até um barulhinho simples pode ser o som mais gostoso do mundo para alguém.

Você também é assim. Não há problema em não ser igual aos outros. Chegará o dia em que você vai enxergar o seu brilho especial. Assim como eu aprendi a ter orgulho de ser quem sou, acredito que você também vai descobrir que a sua diferença é, na verdade, a sua maior força.